



Memória e identidade: os imaginários urbanos de Santiago de Cuba

Memory and Identity: The Urban Imaginary of Santiago de Cuba

Memoria e identidade: los imaginarios urbanos de Santiago de Cuba

Allucci, Renata Rendelucci¹

Schicchi, Maria Cristina da Silva²

¹ Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciência Exatas, Ambientais e de Tecnologias, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. São Paulo, São Paulo, Brasil.
alluccirenata@gmail.com
ORCID: 0000-0002-7426-9884

² Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciência Exatas, Ambientais e de Tecnologias, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. São Paulo, São Paulo, Brasil.
cristina.schicchi@puc-campinas.edu.br
ORCID: 0000-0002-4267-2601

Recebido em 18/03/2022 Aceito em 26/08/2022



Resumo

Este artigo apresenta o resultado de uma pesquisa realizada com moradores da cidade de Santiago de Cuba sobre os imaginários urbanos. A partir do aporte teórico de autores como Armando Silva e Néstor García Canclini, que vêem no estudo dos imaginários urbanos um caminho heterodoxo para o entendimento de processos culturais e de comunicação nas cidades, a pesquisa apresenta uma reunião de elementos que ampliam e revelam outros significados para comportamentos, escolhas, relações de identidade e memória de grupos. Buscou-se, neste artigo, sintetizar os resultados de um questionário realizado com moradores da cidade cubana, cuja estrutura sociocultural é permeada por valores coletivos construídos a partir de discursos oficiais. A metodologia adotada é a histórico-crítica, em cruzamento com resultados de levantamentos empíricos e de entrevistas com os moradores. Os resultados evidenciaram que o consenso não é resultado de escolhas espontâneas. A memória coletiva e os imaginários se fundamentam em uma permanente refundação da história do país, onde fatos não associados aos períodos de lutas pela independência ou pela revolução foram e são reiteradamente suprimidos do cotidiano e das lembranças.

Palavras-chave: Imaginários urbanos, Santiago de Cuba, Memória, Identidade, Território.

Abstract

This article presents the results of research carried out with residents of the city of Santiago de Cuba on urban imaginaries. Based on the theoretical contribution of authors such as Armando Silva and Néstor García Canclini, who see in the study of urban imaginaries an unorthodox way to understand cultural and communication processes in cities, the research presents a combination of elements that expand and reveal other meanings for behaviors, choices, identity relationships and group memory. This article seeks to synthesize the results of a questionnaire carried out with residents of the Cuban city, whose sociocultural structure is permeated by collective values constructed from official discourses. The methodology adopted is historical-critical, in conjunction with results of empirical surveys and interviews with residents. The results showed that the consensus is not the result of spontaneous choices. Collective memory and imaginaries are based on a permanent refoundation of the country's history, where facts not associated with the periods of struggle for independence or revolution were and are repeatedly suppressed from everyday life and from remembrances.

Key-words: *Urban Imaginaries, Santiago de Cuba, Memory, Identity, Territory.*

Resumen

Este artículo presenta los resultados de una investigación realizada con vecinos de la ciudad de Santiago de Cuba sobre los imaginarios urbanos. A partir del aporte teórico de autores como Armando Silva y Néstor García Canclini, quienes ven en el estudio de los imaginarios urbanos una forma heterodoxa de entender los procesos culturales y de comunicación en las ciudades, la investigación presenta una combinación de elementos que amplían y revelan otros significados para comportamientos, elecciones, relaciones de identidad y memoria de grupos. Este artículo busca sintetizar los resultados de entrevistas realizadas con habitantes de la ciudad cubana, cuya estructura sociocultural está permeada por valores colectivos construidos a partir de los discursos oficiales. La metodología adoptada es histórico-crítica, en conjunto con resultados de encuestas empíricas y entrevistas con moradores. Los resultados mostraron que el consenso no es el resultado de elecciones espontáneas. La memoria y los imaginarios colectivos se basan en una refundación permanente de la historia del país, donde hechos no asociados a los períodos de lucha por la independencia o la revolución fueron y son repetidamente suprimidos de la cotidianidad y de la memoria.

Palabras clave: *Imaginarios Urbanos, Santiago de Cuba, Memoria, Identidad, Territorio.*



1. Introdução

A teoria dos imaginários sociais se baseia no entendimento de que a chamada realidade social é uma construção de credibilidade subjetiva, compartilhada pelos membros de uma sociedade ou de um grupo social. Essas sociedades, ou seus grupos, instituem formas de pensar, atuar e julgar de acordo com suas necessidades de dar inteligibilidade e objetividade comuns às suas experiências sociais.

Há uma longa tradição teórica sobre os imaginários sociais em diferentes campos, com destacados autores, entre os quais Gaston Bachelard, Cornelius Castoriadis, Gilbert Durand, Michel Maffesoli, Paul Ricoeur. Maffesoli caracteriza o imaginário como uma força catalisadora, como um patrimônio de grupo; uma fonte comum de emoções, de lembranças, de afetos e de estilos de vida; um patrimônio compartilhado (ANAZ et. al, 2014).

A elaboração das cidades como produtos coletivos de construção social, com componentes imaginários, é uma tese que se aproxima das ideias de Cornelius Castoriadis (1982), cujo trabalho foi referência para Armando Silva, filósofo, semiólogo e pesquisador colombiano, expoente nos estudos sobre imaginários urbanos. Alexandre Bomfim (2019) resume que, para Castoriadis, a sociedade não existe apenas como consequência natural da reunião de indivíduos; ela é, anteriormente, instituída imaginariamente por seus integrantes, pois é necessário que exista uma matriz de sentido comum compartilhada por eles para que ela se estabeleça; a essa matriz, o autor deu o nome de imaginário social.

Para Silva (2011, p. XXVI), a cidade constitui-se em “uma densa rede simbólica em construção e expansão” e a diferenciação entre cidades se encontraria “nos símbolos que os seus próprios habitantes constroem para representá-la”. Assim, a cidade e o espaço urbano seriam construções sociais nas quais o universo simbólico dos sujeitos sociais encontra um campo de referências sólidas que, em troca, contribuem para a formação de sua identidade, por meio de marcos capazes de estabelecer a memória coletiva (DI MEO apud LINDÓN, 2007).

Com esta perspectiva de associação entre o universo simbólico dos sujeitos e seu desdobramento concreto sobre o espaço urbano, este artigo buscou sintetizar os resultados de um questionário realizado com moradores da cidade de Santiago de Cuba, cuja estrutura sociocultural é permeada por valores coletivos construídos a partir de discursos oficiais. A metodologia adotada foi a histórico-crítica, em cruzamento com resultados de levantamentos empíricos e de entrevistas com os moradores. Assim, o artigo apresenta a discussão sobre os conceitos de imaginários, as relações de identidade, a história e cultura locais para, num segundo momento, estabelecer nexos com as respostas obtidas nas entrevistas com a população da cidade, procurando evidenciar como a cultura e o patrimônio participam destes imaginários e operam no nível das representações sociais e dos discursos oficiais.

Gorelik ampliou ainda mais essa perspectiva de análise ao afirmar que a “cidade latino-americana” existe como uma construção cultural, cuja ideia

(...) funcionou como uma categoria do pensamento social, como uma figura do imaginário intelectual e político em vastas regiões do continente e, como tal, pôde ser estudada e puderam ser reconstruídos seus itinerários conceituais e ideológicos, suas funções políticas e institucionais, em cada uma das conjunturas específicas da região (GORELIK, 2005, p.112).

Com o surgimento da perspectiva de investigação a partir dos imaginários urbanos adotada por alguns movimentos das Ciências Sociais ligados aos estudos culturais, em especial os desenvolvidos na Escola de Birmingham, introduziu-se a abordagem transdisciplinar nos estudos sobre a cidade e sobre o urbano, assim como mudanças no entendimento do espaço urbano e da prática de diferentes agentes sobre ele (VERA, 2019, e-book).



Há autores que alertam, entretanto, que os estudos culturais desenvolvidos na América Latina não podem ser considerados “como simples extensão ou cópia mais ou menos diletante dos estudos britânicos dos anos sessenta ou dos estadunidenses de finais dos anos oitenta e princípios dos noventa” (RESTREPO, 2015, p. 22) ou, como afirmou Jesús Martín-Barbero (1996, apud RESTREPO, 2015, p. 23): “fazíamos Estudos Culturais muito antes que esta etiqueta aparecesse [...] A América Latina não se incorporou aos Estudos Culturais quando a etiqueta virou moda; a história, aqui, é muito distinta”.

No *Diccionario de Estudios Culturales Latinoamericanos*, constata-se que

(...) os estudos culturais se apresentam como um campo intelectual diverso, interdisciplinar e político. Na América Latina a marca do político, a partir dos anos 1930, foi tradicionalmente marxista e se institucionalizou em 1959, com a revolução cubana e os movimentos revolucionários dos anos 1960 e 1970. Estes movimentos criaram uma narrativa continental que imagina a América Latina como unidade e que se ocupa da relação entre a cultura e os destinos políticos (SZURMUK, IRWIN, 2009, p. 11).

Uma característica particular dos estudos culturais latino-americanos é tratar das culturas consideradas marginais ou subalternas tendo como objeto de estudo toda expressão cultural, desde as consideradas eruditas até as chamadas culturas populares ou de massa (SZURMUK e IRWIN, 2009). Foi com esta perspectiva que o antropólogo cubano Fernando Ortiz¹ criou o neologismo *transculturação*² em seu ensaio de 1940, *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*, e o utilizou para as análises históricas, políticas, sociais e econômicas que realizou sobre seu país.

Para Weinberg (2009) a transculturação é um conceito proeminente para os estudos culturais, por sua importância em pensar o nacional não mais sob uma visão homogeneizadora, apesar da evidente distinção entre os grupos sociais que o compõem.

Ortiz não se furtou a criticar os processos violentos da história de Cuba, incluindo migração, exploração e conflitos. Porém, sempre frisou que seus estudos não se baseavam em questões raciais e, sim, culturais.

Os estudos culturais de Néstor García Canclini, tanto quanto os de Martín-Barbero, foram precursores aos dos autores ingleses e norte-americanos. Sua obra antecipou certos pontos de vista que seriam mais tarde utilizados pelos imaginários urbanos para compreender as cidades como, por exemplo, quando indica que discursos imaginários contribuem para fazer uma cidade existir e para a configuração de seu sentido e que

(...) na medida em que esses discursos alcançam uma eficiência social, ou seja, que são compartilhados e contribuem para formar uma concepção coletiva sobre uma cidade, convertem-se em um patrimônio. O patrimônio cultural – ou seja, aquilo que um conjunto social estima como sua própria cultura, que sustenta sua identidade e o diferencia de outros grupos – não abarca apenas os monumentos históricos, o desenho urbanístico e os bens físicos; também a experiência vivida se condensa em linguagens,

¹ Fernando Ortiz (1881–1969), advogado e antropólogo cubano, dedicou grande parte de sua vida aos estudos da história e cultura cubanas, especialmente sobre o que chamou de assuntos afro-cubanos. Suas concepções sobre cubanidade e cubanía tiveram impacto no imaginário cubano.

² A transculturação indica que culturas, mais do que uma simples sobreposição, operam pela interação das partes envolvidas e têm, como consequência, trocas que geram modificações nos seus interiores, sejam elas dominadas ou dominantes, com a transmutação de elementos originários de ambas, podendo criar, inclusive, uma nova entidade cultural.



conhecimentos, tradições imateriais, modos de usar os bens e os espaços (GARCÍA CANCLINI, 2013, p. 111).

Essa mescla de novas leituras sobre as sociedades e sobre as cidades, os aportes de novos conceitos e a dinâmica do pensamento latino-americano abriram possibilidades para o desenvolvimento dos estudos sobre os imaginários urbanos.

Embora tardiamente, também no planejamento urbano de cidades do subcontinente passou a ser defendida a incorporação das noções de existência e cultura, de forma a considerar o indivíduo em sua integridade, da infância à velhice, “com a sua história inerente de lugar, a sua ancestralidade vivida, que perdura porque é, acima de tudo, imaginada” (COSTA, 2021, p. 113)

2. Imaginários sociais e imaginários urbanos

As teorias dos imaginários sociais foram usadas como ponto de partida para os imaginários urbanos, não sem as dificuldades de se transpor os conceitos e essa nova forma de abordagem, com suas dimensões subjetivas, ao campo dos estudos urbanos, que já apresentava especificidades e teorias próprias.

Vera (2019, ebook), infere que “as cidades latino-americanas desafiaram a criatividade de intelectuais e pesquisadores e nesse desafio se forjaram os imaginários urbanos como conceito e proposta de indagação crítica”.

A partir dos anos 1990, o tema aparece com mais ênfase nas discussões teóricas com a obra homônima de Armando Silva. Os imaginários urbanos constituiriam visões e sentimentos de mundo, em projetar a cidade e o urbano; reuniriam crenças, valores e relatos do que foi, do que é e do que deveria ser a cidade, a partir da visão de seus habitantes. Para Silva (2006), a cidade se constrói como objeto simbólico a partir de processos de seleção e reconhecimento feitos pelos moradores.

Em sua análise, Vera (2019) se apoia em Castoriadis, para quem os processos de construção social do urbano se sustentam na trama de sentidos que uma sociedade constrói durante sua história, sendo o imaginário a capacidade humana de conferir significados ao seu mundo; por esta ótica, a incorporação do espaço urbano nos imaginários marca as práticas dos sujeitos sobre o espaço (Lindón e Hiernaux, 2008).

2.1 Ser cubano, ser santiagueiro

Fernando Carrión (2010) aborda os imaginários fundacionais como parte dos imaginários urbanos e destaca que há duas dimensões que caracterizam os imaginários fundacionais de uma cidade: sua localização geográfica e sua história.

Cuba é um arquipélago com mais de 1.500 ilhas, das quais a maior é, precisamente, a ilha de Cuba. Essa geografia é um elemento segregador e ao mesmo tempo uma singularidade. Segundo o historiador Eusebio Leal, que presidiu a *Red de Oficinas del Historiador y Conservador de las Ciudades Patrimoniales de Cuba*,

(...) a ilha nos influenciou muito. Não podemos pensar que somos iguais às pessoas do continente. A condição insular outorga certas capacidades e também cria certas limitações. Somos pessoas desejosas de conhecer o mundo; por consequência, hospitaleiras. Gostamos que as pessoas venham e nos conheçam, abrimos rapidamente a porta para mostrar-lhes nossa afetividade. (LEAL, 2017, p. 189)

A metáfora da ilha foi utilizada por muitos autores sobre a produção cultural e o modo de vida cubanos. A hospitalidade, também citada por Leal, está presente nos imaginários urbanos.



E o que é ser cubano? Parafraseando Baez (2006, p. 4), ser cubano é, em primeiro lugar, uma experiência intersubjetiva, em que a realidade social cubana é aquilo que os cubanos significam coletivamente como tal.

Ampliando a questão, Fernando Ortiz se perguntava: “o que é cubanidade?”. A resposta, para ele, ia além do modo de ser, qualidades e distinções daquilo que é cubano. Ortiz (2014, p. 459) propunha que se acrescentassem os fatores humanos que definem o termo:

(...) cubanidade é mais do que todas as qualidades específicas da cultura, da cultura de Cuba. Para falar em termos contemporâneos, cubanidade é uma condição da alma, um complexo de sentimentos, ideias e atitudes. Mas ainda assim existe uma cubanidade mais completa. Alguém poderia dizer que vem das entranhas da terra natal e nos envolve e penetra como o sopro da criação que brota da nossa Mãe Terra depois de ela ter sido fecundada pela chuva que lhe foi enviada pelo Pai Sol. É algo que nos faz definir no amor das nossas brisas e nos arrebatam na vertigem dos nossos furacões [...] Há algo de inefável que completa a cubanidade de nascimento, de nação, de coexistência, e mesmo de cultura.

Em suma, para Ortiz a cubanidade seria resultado, entre outros, de uma cosmogonia própria, dos efeitos psicossociais de fenômenos meteorológicos na vida cotidiana, das especificidades históricas e geográficas e dos elementos das culturas presentes em Cuba. Como se verá adiante, esses elementos – muitos deles universais – estão presentes nos imaginários urbanos de Santiago de Cuba.

Sob a égide da cubanidade, algumas características distinguiriam os habitantes de diferentes regiões da ilha, como se destacou na edição comemorativa dos 500 anos de fundação de Santiago de Cuba sobre os nascidos nessa cidade:

(...) las influencias culturales hacen del santiaguero un ser peculiar dentro del territorio nacional, hospitalario, orgulloso de su ciudad, desprendido, alegre, jovial, aferrado a su cultura y tradiciones. En el santiaguero se conjugan los caracteres genuinos del cubano, pero nos distingue el que en estas tierras el mestizaje fue más abierto y la herencia africana es un elemento de gran significación en las raíces de su formación cultural, en dinámico intercambio con lo hispano, la lengua, la cultura culinaria, la arquitectura y en ciertas costumbres (RECIO LOBAINA, 2015, p. 100).

A herança da presença africana em Santiago de Cuba se faz notar, com maior ênfase, nas festividades, na música e na dança. Porém, foram os fatos políticos e seus atores, com especial destaque aos relacionados à Revolução de 1959, que marcaram a reconstrução da identidade, da memória e da cultura cubanas atuais; a lealdade irrestrita de uma parcela da população a Fidel e Raúl Castro; as migrações, os exílios, o embargo econômico ocidental, são fatores que permanecem com muita força no imaginário dessa cubanidade.

Em Santiago de Cuba, eles se refletem não apenas na formação do caráter dos moradores, como se disseminam por ruas, praças e monumentos locais e nacionais. Conformam territorialidades, compreendidas em seu papel de mediação simbólica onde a materialidade dos lugares dá suporte às práticas sociais e aos imaginários. A territorialidade, conforme apontam Saquet & Sposito (2015, p.83)

(...) efetiva-se em distintas escalas espaciais e varia no tempo através das relações de poder, das redes de circulação e comunicação, da dominação, das identidades, entre outras relações sociais realizadas entre sujeitos e entre estes com seu lugar de vida, tanto econômica como política e culturalmente.

O nome dado à cidade tornou-se parte de seu imaginário fundacional. Olga Portuondo (2015) afirma que a imagem do apóstolo Santiago, em seu cavalo e com suas armas, era usada pelos espanhóis para simbolizar o ideal bélico e sua imposição como conquistadores. Contudo, aos poucos, passou a ser parte do espírito e da identidade santiagueiros, não tanto pela devoção religiosa mas, principalmente, a partir da participação dos moradores nas procissões em sua homenagem, no dia 25 de julho, que representam o prenúncio da maior festa popular santiagueira, o carnaval, cujas festividades acontecem a partir do dia seguinte.

Cabrales Muñoz (2010), descreve a cidade de Santiago de Cuba como um sistema de terraços naturais que imprime qualidades em sua expressão física e formal, realçada pelo verde da Sierra Maestra e o azul do mar Caribe (Figura 2). Da mesma forma, Morales Tejeda (2016, p. 94) menciona que “‘anfiteatro’ é um conceito chave para definir o marco geográfico e urbano santiagueiro. Por sua forma circular e ovalada, marcou para sempre a imagem que, a partir da baía, se tem da cidade”, local por onde se dava o acesso à cidade desde a etapa colonial e possibilitava sua integração visual com a natureza circundante. Na descrição dessa autora,

(...) uma das singularidades da paisagem santiagueira é a rede de ruas que configurou o tecido urbano no qual, devido à complexidade topográfica, se realizaram adaptações ao que fora estipulado pela Lei das Índias. Isso gerou uma retícula semirregular. Entre o traçado e o relevo se produziu uma interação que proporcionou outros resultados de interesse, o perfil escalonado de sua arquitetura e suas ruas ondulantes com inclinações muito pronunciadas, em que se está sempre subindo ou descendo, proporcionando visuais mutantes que contribuem para essa relação perceptiva (MORALES TEJEDA, 2016, p. 94).

Figura 2: Vista aérea da cidade de Santiago de Cuba.



Fonte: Acervo da Pesquisa (2017).

Tanto essa disposição geográfica quanto a condição de zona atingida constantemente por desastres, como furacões, foram incorporadas aos imaginários que, como já apontava Ortiz, fazem parte da cubanidade e causaram incontáveis perdas para a economia local. Entre os últimos, o furacão Sandy, de 2012, provocou uma grande destruição em edificações, incluindo instalações hoteleiras da região costeira, o que afetou fortemente as atividades turísticas.

Foram inúmeros os terremotos de grande intensidade em sua história. Portuondo, em um relato pessoal, reforça esse fenômeno como parte da identidade local

(...) tinha apenas completado três anos quando, em agosto de 1947, senti a primeira sacudida sísmica em uma casa de madeira no bairro Sueño, em



Santiago de Cuba. Da minha pequena estatura, escutei um grito de espanto que alguns sempre lançam ao sentir a trepidação nas entranhas da terra: Misericórdia! Era meu batismo como santiagueira, pois os terremotos, que aterrorizam os cidadãos, formam parte do exercício enigmático da natureza sobre esta comunidade, e não há que desestimulá-los se se quiser compreender melhor a idiossincrasia de seus moradores (PORTUONDO, 2014, p. 15).

Para a historiadora, a ocorrência de terremotos já faz parte da memória coletiva dos santiagueiros, pois o medo que provocam aparece nas manifestações de religiosidade, na literatura e nas condutas subjetivas dos habitantes da cidade.

4. Cultura e patrimônio

Santiago de Cuba apresenta diversas manifestações culturais em seus espaços públicos; algumas relacionadas aos imigrantes haitianos e jamaicanos; outras, provenientes das religiões de origem africana e católica, com destaque para as comemorações da Virgen de la Caridad del Cobre, padroeira de Cuba e para o Festival del Caribe, que ocorre nas ruas do Centro Histórico desde 1981 e reúne atividades intelectuais e apresentação de movimentos artísticos populares. A cidade abriga o Museu do Carnaval, localizado no Centro Histórico, a Casa del Caribe e a Casa de África Fernando Ortiz, locais de estudo e difusão das festas santiagueiras (ALLUCCI, 2020).

O carnaval é o evento mais relevante, considerado a expressão mais popular e massiva da cultura tradicional dos santiagueiros. Teve origem e foi influenciado pelas festividades do período colonial, entre os séculos XVI e XVIII. Compõe-se de um conjunto de festejos e múltiplas expressões culturais integradas como a culinária, a música, a dança e desfiles de máscaras.

De acordo com Virtudes Feliú (2003), com a Revolução Cubana de 1959, festas ligadas às religiões de origem africana reapareceram com maior força em todos os estratos sociais; porém, da década de 1990 em diante, durante o chamado Período Especial³, o carnaval foi interrompido em algumas cidades cubanas e/ou modificaram-se alguns de seus elementos, o que não ocorreu em Santiago de Cuba, onde essa festa permaneceu com toda força e prestígio.

Em 2015, o *Consejo Nacional de Patrimonio Cultural*, através da Resolução nº.25, declarou o carnaval de Santiago de Cuba e todos os bens que formam parte de esta expressão como Patrimônio Cultural da Nação e sua inscrição foi realizada no Registro Nacional de Bens Culturais, para permitir sua salvaguarda como patrimônio imaterial.

A cidade é considerada o berço de quase todos os gêneros musicais cubanos como o “son”, o bolero, a trova tradicional, além de ser local de nascimento de músicos consagrados por todo o país e, também, fora dele (SANABIA MARRERO, 2015).

Também é significativo o patrimônio urbano e arquitetônico da cidade, declarada *Monumento Nacional* de Cuba, em 1978, pelo *Consejo Nacional de Cuba*. Pela Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), três sítios históricos foram declarados Patrimônio da Humanidade: o *Castillo San Pedro de la Roca*, em 1997; *Paisaje Arqueológico de las primeras plantaciones cafetaleras del sudeste cubano en las provincias de Santiago de Cuba y Guantánamo*, em

³ A partir do final dos anos de 1980, com a queda do campo socialista, Cuba deixa de receber progressivamente o apoio econômico de seus antigos aliados do bloco soviético. No período de 1990 a 1993, houve retração do PIB e decadência das importações. Foi o chamado “Período Especial em Tempos de Paz”, que iniciou um processo de reformas estruturais na vida política, econômica e cultural cubanas. Neste período a Revolução passa por uma grande crise, enfrentando o enfraquecimento e a descrença na ideologia revolucionária, abrindo espaço para uma nova oposição e para as críticas dos antigos inimigos. Surge neste momento uma nova oposição interna e vários intelectuais se mobilizam em crítica ao regime (PRATES, 2014, p. 86-87).

2000, e como Patrimônio Intangível, a *Tumba Francesa La Caridad de Oriente*, em 2003 (SOTO SUÁREZ, MUÑOZ CASTILLO, 2017).

Existem, na cidade, outros 23 sítios declarados Monumentos Nacionais pela *Comisión Nacional de Monumentos*; entre eles, 7 estão relacionados ao 26 de julho de 1953, data do Assalto ao Quartel Moncada, ação realizada por um grupo de jovens cubanos do Partido Ortodoxo, liderados por Fidel Castro, com o objetivo de desencadear a luta armada contra a ditadura de Fulgencio Batista (1952-1958). A ação não teve sucesso e terminou com a maioria dos revolucionários assassinada e os sobreviventes presos. Porém, o local e a data tornaram-se parte de um dos principais itinerários culturais do país.

O Quartel Moncada (Figura 3), convertido em 1959 na Cidade Escolar 26 de Julho, abriga cursos e um museu comemorativo dos acontecimentos do Assalto. Localizado junto ao Palacio de Justicia e à Escuela Normal para Maestros, “dá uma alta conotação simbólica a este cenário denominado ‘Área Monumental 26 de Julio’ e transforma-o num marco, uma vez que é o maior conjunto de edifícios com uma tal categoria no país” (MORALES TEJEDA, 2013, p. 13). Esta área é também um eixo vertebrador entre a cidade histórica e as novas zonas de desenvolvimento e um dos lugares mais lembrados pelos moradores da cidade, conforme se verá mais adiante, nos resultados das entrevistas realizadas.

Figura 3: Quartel Moncada e Cidade Escolar 26 de Julho.



Fonte: Acervo da pesquisa (2018).

5. Imaginários urbanos e outros imaginários: a percepção dos santiagueiros

A pesquisa sobre *ciudades imaginadas*, proposta por Armando Silva teve, como objetivo primordial, revelar as formas de ser no urbano, em especial na América Latina, como parte de sua contribuição para a compreensão do viver contemporâneo, com suas complexidades e sua forma de urbanização diferenciada e, por vezes, contraditória. Tratava-se de “constituir uma visão do mundo urbano a partir da América” (SILVA, 2012, p. 11). Para tal, foi construído um questionário como instrumento de investigação, dividido em três partes: (i) procura captar o ponto de vista dos cidadãos, (ii) contém

perguntas abertas e fechadas sobre o uso dos espaços e a rememoração da cidade e (iii) perguntas sobre a percepção dos moradores sobre as cidades. Uma das premissas de Silva (2012, p. 30) era que “a cidade imaginada por seus cidadãos é de natureza estética, sem dúvida; mas a conquista de seus resultados a faz política”.

Figura 4: Manifestações no espaço urbano em Santiago de Cuba. Na primeira imagem, a representação da família santiagueira; na segunda imagem, à esquerda, painel exaltando a cidade e a Revolução; na terceira, à direita, poesia sobre os heróis da cidade; na quarta imagem, a frase de agradecimento de Fidel à Santiago de Cuba. Todas as manifestações se localizam no centro histórico de Santiago de Cuba.



Fonte: Acervo da pesquisa (2018).

Mais do que a capital, Havana, hoje uma cidade cosmopolita, Santiago foi palco de muitos acontecimentos importantes para a nação, pelo que recebeu o título de *Héroe de la República de Cuba*⁴. Em trabalho de campo das autoras, constatou-se que os irmãos Castro são personagens onipresentes na cidade, assim como os feitos da Revolução.

Imagens fixadas por toda a cidade, selecionadas a partir de determinados valores morais, éticos e individuais engendrados pelo regime político cubano, disseminam e passam a fazer parte de uma rede de signos reconhecida pela sociedade, construindo e qualificando a cidade por meio de seus imaginários urbanos (Figuras 4 e 5).

Figura 5: Painel na Av. Garzón, Santiago de Cuba.



Fonte: Acervo da pesquisa (2018).

Para compreender o alcance dessas imagens em Santiago de Cuba, em outubro de 2018, foi aplicado um questionário simplificado, baseado na metodologia de Armando Silva. Optou-se por uma redução no número de perguntas, pelas condições de tempo de realização da pesquisa, pela exígua equipe que aplicou o questionário e, sobretudo, pelas condições tecnológicas encontradas em Cuba naquele momento. Não havia como implementá-lo a não ser no formato papel. Isso exigiu a distribuição dos questionários e sua posterior coleta, e fez também com que se optasse pelas questões de múltipla escolha para grande parte das perguntas. Apesar das restrições, o questionário permitiu ir além de um resultado estatístico, principalmente por já ter sido validado pela metodologia em sua aplicação original⁵. A premissa principal foi trabalhar a partir da interação com os santiagueiros, e de que os

⁴ <https://www.radiorebelde.cu/noticia/santiago-cuba-ciudad-heroe-republica-cuba-20181231/>

⁵ O universo da pesquisa considerou os 742.007 habitantes da área urbana de Santiago de Cuba (Estudios y datos de la población cubana – Cuba y sus territorios, 2019. Fonte: ONEI. Disponível em <http://www.onei.gob.cu/node/14843>. Acesso em jun/2020.). Dadas as dificuldades de coleta, a amostra foi não probabilística, com amostragem por julgamento. Neste tipo de amostra, a escolha dos respondentes é feita a partir do julgamento do pesquisador, em busca por indivíduos que possuam características definidas previamente para sua amostra. O estudo utilizou, também, a pesquisa quantitativa, favorecendo a abordagem de método de triangulação.



resultados do questionário fossem confrontados com as evidências físicas no território, objeto deste artigo⁶.

Parte do questionário foi aplicado aos moradores que se encontravam em sítios ou edifícios patrimoniais, como o *Balcón de Velázquez*, a sede da *Maqueta de la Ciudad* e no *Parque Céspedes*; a outra parte foi entregue a alunos da *Universidad de Oriente*, das faculdades de Arquitetura e Urbanismo e de Ciências Sociais; outros foram distribuídos a pessoas próximas aos especialistas do patrimônio.

Foram 143 respondentes moradores de Santiago de Cuba. No perfil da amostra, destacam-se: respondentes na faixa de 16 a 25 anos (30,8%); 55,9% do gênero feminino; 74,8% com nível universitário; 69,2% nascidos em Santiago de Cuba. Das 18 questões que compunham o questionário, apresentam-se aqui quatro delas, cuja análise demonstra como os santiagueiros construíram a imagem da cidade.

5. Cruzamentos dos imaginários urbanos em Santiago de Cuba

O questionário tinha como proposta perguntas sobre (i) Dados sociodemográficos do respondente; (ii) Local de nascimento; (iii) Local de moradia; (iv) questões sobre a cidade de Santiago de Cuba: a. Qualidades urbanas, referentes aos signos sensíveis que, de acordo com os moradores/cidadãos, representam a cidade e definiram sua imagem; b. Como os moradores/cidadãos qualificam a cidade, como objetivam sua percepção e que vestígios ainda permanecem; c. Cenários urbanos ou lugares onde os moradores/cidadãos atuam, se representam; (v) Questões sobre o patrimônio de Santiago de Cuba.

Para a discussão neste artigo foram selecionados apenas alguns aspectos dos resultados obtidos e os respectivos rebatimentos desses imaginários, tendo em vista o limite de espaço.

5.1. Núcleo fundacional, espaços públicos e patrimônios culturais

Quando se pediu aos moradores para que declarassem *3 lugares que representam a cidade*, a votação mais expressiva (65,7%) ficou com *El Morro*, nome popular do *Castillo San Pedro de la Roca* (Figura 6) declarado Patrimônio da Humanidade pela Unesco, em 1997, de acordo com dois critérios: pelo conjunto defensivo se constituir no maior e mais abrangente exemplo dos princípios da engenharia militar renascentista adaptados às exigências das potências coloniais europeias no Caribe e por ser uma fortificação em que predominam a forma geométrica, a simetria e a proporcionalidade entre os lados e os ângulos, valores estéticos representantes da escola hispano-americana de arquitetura militar⁷.

O *Castillo* é também um monumento nacional e, embora localizado em sítio distante do centro histórico, é uma das poucas edificações fundacionais que recebe um grande contingente de turistas estrangeiros e nacionais, assim como a visita de escolas locais.

⁶ A abordagem e as perguntas foram discutidas com docentes da Universidad de Oriente, em Santiago de Cuba, na Facultad de Construcciones / Departamento de Arquitectura y Urbanismo, com especialistas do patrimônio dessa cidade, por meio da Oficina del Conservador de la Ciudad de Santiago de Cuba - instituição cultural criada em 1996, com o objetivo de gerir a salvaguarda integral do patrimônio santiagueiro - e da diretoria do Centro de Estudio Multidisciplinario de Manejo Integrado de Zonas Costeras (CEMZOC).

⁷ <https://whc.unesco.org/en/list/841/>

Figura 6: *Castillo San Pedro de la Roca*, Santiago de Cuba.



Fonte: Acervo da pesquisa (2018).

Mais da metade dos votos (53,2%) foram para o *Parque Céspedes* e a *Catedral de Nuestra Señora de la Asunción – La Catedral*, localizados no núcleo fundacional de Santiago de Cuba (Figura 7). A cidade foi implantada “em uma topografia ondulante a partir do lugar de sua fundação na *Plaza de Armas* – hoje *Parque Céspedes* – com o mesmo modelo de retícula, onde se localizavam todos os poderes: político, religioso e econômico” (CABRALES MUÑOZ, 2010, p. 41).

Figura 7: Vista panorâmica do *Parque Céspedes*. À esquerda, a *Catedral*; à direita, antigo Ayuntamiento com o balcão de onde Fidel Castro proferiu o discurso da vitória da Revolução de 1959.



Fonte: Acervo da pesquisa (2018).

Para Orozco Melgar (2015), durante a época colonial a função religiosa contribuiu para a legibilidade da *Plaza*, já que a sociedade vivia sob as normas do catolicismo. A construção da catedral, em sua quarta edificação, no século XIX, é o marco arquitetônico mais importante para seus habitantes. A partir do século XX, seu simbolismo começa a se transformar e ela se afirma como espaço cívico e



cidadão, ao tornar-se ponto de partida para as festas patrióticas, resultado do trabalho de Emilio Bacardí.

Somando-se os votos dados para a *Plaza de Marte* e a *Calle Enramadas*, ambas no Centro Histórico, concluiu-se que, para 77,5% dos entrevistados, os lugares representativos da cidade estão no Centro Histórico e correspondem aos seus núcleos de fundação. Esse percentual corrobora com a leitura já realizada por pesquisadores em outros contextos latino-americanos, conforme já apontado, ou seja, a de que o imaginário fundacional é um dos principais componentes do imaginário urbano (CARRIÓN, 2010).

A estrutura urbana santiagueira é composta por um sistema de praças implantadas em um eixo linear, que vai da *Plaza de Armas* até a *Alameda* e desta à *Plaza de Marte*. Os espaços públicos, numerosos pela cidade, são utilizados para o contato social, “pois o povo de Santiago, condicionado pelo clima quente e pelo seu temperamento peculiar, é extrovertido”. Os espaços públicos mais antigos da cidade, como o *Parque Céspedes*, a *Plaza Dolores*, a *Plaza de Marte*, a *Placita de Santo Tomás* e a *Plazuela de Trinidad*, são “exemplos de lugares moldados à escala humana, locais de encontro e de atuação, onde o sentido de pertença à cidade atinge valores insuperáveis” (RODRÍGUEZ ALOMÁ, 2012, p. 139).

Portanto, ficou evidenciado que os imaginários urbanos dos santiagueiros referem-se aos principais atrativos da cidade, todos eles ligados ao senso comum, a uma dimensão coletiva. Tal característica se deve à exaltação e reiteração desse patrimônio através da educação, dos meios de comunicação, do discurso oficial e político e da onipresença das principais figuras do regime socialista cubano em locais públicos.

Fazendo uma analogia com o que Gorelik (2005, p. 114) afirmou sobre a construção cultural da cidade latino-americana, pode-se entender que também na cidade de Santiago de Cuba “houve vontade intelectual de construí-la como objeto de conhecimento e ação, enquanto houve teorias para pensá-la, e atores e instituições dispostos a tornar efetiva essa vocação”.

5.2. A revolução e Santiago de Cuba: os imaginários consagrados em imagens e palavras

Os imaginários da revolução cubana estão materializados na cidade de Santiago de Cuba, abrigo dos revolucionários e ponto de partida dos levantes, protegidos pela Sierra Maestra. Revelam, ainda hoje, como a propagação dos valores do regime cubano no espaço urbano da cidade se fez ecoar naquilo que os habitantes pensam sobre si e sobre a cidade em que vivem. Isso ficou evidente nas respostas à questão que solicitava ao respondente que citasse três palavras que, para ele, definiam a cidade. As palavras *Rebelde/Hospitalaria/Heroica* foram citadas por 61% dos respondentes e, ainda, 15% usaram juntas essas 3 palavras.

Um grande painel, instalado próximo à *Plaza de la Revolución*, um dos pontos de maior afluência de pedestres e veículos da cidade, mostra a imagem de Fidel Castro e invoca os desígnios da cidade (e dos santiagueiros): “Rebelde ayer; hospitalaria hoy; heroica siempre” (Figura 8), uma fórmula repetida em vários outros pontos da cidade, em especial, nas rodovias de acesso e entradas de municípios, questão já apontada por Julieta Leite (2015, p. 233), ao invocar Bachelard, para quem “é por meio da imagem que estabelecemos uma relação com a realidade; a imagem orienta uma percepção do mundo”.

Figura 8: Paineis na *Plaza de la Revolución*, Santiago de Cuba.



Fonte: Acervo da pesquisa (2018).

Outro exemplo da tangibilidade da presença de Fidel nos espaços públicos de Santiago de Cuba é a esquina da *Av. de los Libertadores*, no coração da cidade, onde está gravado *¡Gracias, Santiago!*, palavras proferidas pelo comandante-em-chefe em 25 de julho de 2006, quando entregou à cidade o título de *Ciudad Héroe*, dia em que Santiago completava 500 anos de fundação.

São imaginários inter-relacionados pois “os imaginários são redes ou tramas de significados específicos, reconhecidas socialmente, que outorgam qualidades à cidade e a seus lugares”, conforme define Lindón (2007, p. 37) e, segundo Vera (2019, online), por meio da análise dessa rede de significados “é possível investigar como uma sociedade se refere a si mesma e aos outros, como ela representa seu passado, seu presente e seu futuro, que são os objetos e artefatos aos quais ela dá mais valor”. No caso santiaguero, essa representação é ainda mais forte e estratégica, pois ela é parte da refundação da história nacional, que há que se salvaguardar e reiterar constantemente.

O forte sentimento nacionalista de moradores, que vêem sua cidade como palco dos grandes acontecimentos políticos nacionais, fica explícito em inúmeras manifestações e publicações, entre as quais se destaca a definição da cidade dada por Lázaro Expósito Canto (2015, p. 13), membro do Comitê Central do Partido Comunista de Cuba e seu Primeiro-Secretário em Santiago de Cuba: “simplesmente um lugar de encantamento, onde reina o heroísmo para todos os tempos, distinguido pelo apoio incondicional do santiaguero a Fidel, a Raúl e à liderança da Revolução”.

Figura 9: Paineis no centro de Santiago de Cuba.



Fonte: Acervo da pesquisa (2018).

Isto pode ser detectado quando se pediu aos moradores que identificassem os acontecimentos históricos mais importantes: 73,4% das respostas indicaram episódios relativos ao processo revolucionário que levou à independência de Cuba da dominação dos Estados Unidos.

Na história de Santiago de Cuba, dois episódios ocorridos na cidade se destacam no século XX. O primeiro deles, o Assalto ao Quartel Moncada, já citado, em 26 de julho de 1953, que teve 66,4% das menções no questionário.

O segundo, quando o Exército Rebelde, guiado por Fidel Castro, adotou uma nova estratégia de luta armada que conduziu finalmente à vitória revolucionária. Em 1º de janeiro de 1959, após a renúncia e fuga de Batista, Castro faz seu primeiro discurso vitorioso no balcão do edifício da Prefeitura de Santiago de Cuba, no *Parque Céspedes*, localizado no Centro Histórico santiagueiro.

Esses dois episódios da luta revolucionária deixaram marcas nos cubanos e, especialmente, nos santiagueiros, por terem como palco os espaços públicos e edificações históricas da cidade, que foram ressignificadas e se tornaram parte do imaginário urbano revolucionário da cidade e da história local, contada e decorada pelos estudantes nas escolas.

Outro painel, localizado em uma esquina da *Avenida Garzón*, a um quarteirão da *Plaza de Marte*, local de comércio e porta de entrada para o Centro Histórico, mostra o mapa de Santiago de Cuba e evoca o sentimento de orgulho dos moradores (Figura 10). No questionário, 95% responderam ter orgulho da cidade.

Figura 10: Painel aludindo ao orgulho santiagueiro.



Fonte: Acervo da pesquisa (2018).

Em outra seção, o questionário pedia ao respondente para mencionar *três personalidades representativas de Santiago de Cuba*. As mais apontadas foram: Antonio Maceo (com 89 citações), Frank País (62 citações) e Emilio Bacardí (42 citações). As três estão relacionadas aos processos de luta por independência (final do século XIX) ou revolucionário de Cuba (anos 1950), sendo alguns considerados mártires. Maceo foi militar do Exército Libertador de Cuba durante a Guerra da Independência; Bacardí foi atuante na resistência nacionalista de Cuba ao Império Espanhol, no final do século XIX, o primeiro prefeito republicano da cidade, eleito em 1901, e reconhecido como “Filho predileto de Santiago de Cuba”; e País foi um dos principais dirigentes do movimento clandestino 26 de Julho de 1953, sendo assassinado em 1957, aos 23 anos.

Sobre outras personagens citadas, Compay Segundo é cantor e músico, um dos integrantes do Buena Vista Social Club, grupo reconhecido internacionalmente; José Maria Heredia foi poeta, jornalista, dramaturgo e advogado; Juan Almeida Bosque é considerado a terceira figura mais relevante do poder cubano depois dos irmãos Castro. Lázaro Expósito Canto teve uma trajetória política ligada à revolução e suas instituições, sendo representante do regime em várias províncias, até ser nomeado 1º Secretário do Partido Comunista em Santiago de Cuba, em 2009, tornando-se importante representação local junto ao governo nacional; Alberto Lescay é escultor e foi o autor do monumento em homenagem a Antonio Maceo na Plaza de la Revolución. Fidel Castro, embora citado, curiosamente, não foi o mais votado, talvez por sua unanimidade, sem esforço, no imaginário popular.

As citações demonstram uma representação com fortes componentes políticos nacionais e locais, refletindo uma linhagem de personagens que povoam o imaginário social e se materializam a partir de cartazes e *outdoors* no imaginário urbano. Os lugares onde estas peças publicitárias são inseridas não são menos importantes. Elas se concentram nas entradas da cidade por rodovias, nas principais avenidas, as que cruzam toda a cidade e cuja dimensão permite a inserção de mensagens em sucessão, como um *storyboard*, de forma que o passante aviste à distância e repouse o olhar por algum tempo ao percorrer as vias (Figura 11). Transmitem a sensação de onipresença e vigilância, dispositivos frequentes na estrutura política do regime, mas também de perenidade, pois são materializações não apenas da imagem dos principais personagens políticos, mas também de suas ideias, evocações, sintetizadas em frases emblemáticas. No caso de personagens nascidas em Santiago de Cuba, às suas biografias se incorporam lugares, edifícios e outras memórias locais, ao mesmo tempo em que se destacaram nacionalmente em termos políticos ou artísticos.

Figura 11: Painel com imagem de Che Guevara e o lema que se tornou emblema da Revolução Cubana.



Fonte: Acervo da pesquisa (2018).

Embora menos expressivas numericamente e, em geral, lembradas por terem sido companheiras ou esposas de figuras masculinas, as personagens femininas também foram citadas pelos entrevistados.

Fatima Patterson, a mais lembrada, nascida em 1951, é atriz e dramaturga, fundadora do Coletivo Macubá, que trabalha com o teatro, a religiosidade popular, as tradições e o folclore cubanos; fundadora da Articulación Regional Afrodescendiente, narradora oral da cultura afro-cubana. Vilma Espín (1930-2007), foi engenheira-química, revolucionária e companheira de Raúl Castro e, como presidenta da Federação das Mulheres Cubanas encabeçou a delegação cubana para o 1º Congresso Latino-americano sobre Mulheres e Crianças e a delegação para as Conferências sobre a Mulher.

Elvira Cape (1862 – 1933) foi esposa de Emilio Bacardí e sua companheira nas atividades revolucionárias com o pseudônimo Phociona; como defensora do patrimônio histórico santiagueiro e cubano, ajudou a terminar o Museu Bacardí, hoje um dos pilares culturais da cidade junto à Biblioteca Provincial que leva seu nome. Bertha La Pregonera (1930-2016) era personagem popular conhecida por seus pregões, nos quais vendia remédios para o corpo e para a alma, nas ruas *Enramadas* e *Aguilera*, no Parque *Céspedes* e nas Praças de *Marte* e *Dolores*; considerada “la pregonera mayor del Caribe”, recebeu os prêmios *Memoria Viva* e *Internacional Casa del Caribe*.

Por fim, Mariana Granjales (1815 – 1893), notável por ser a mãe dos irmãos Maceo e Olga Portuondo, nascida em 1944, historiadora com diversas publicações sobre Santiago de Cuba.

Desde sua formação e constituição, no século XVI, Cuba, assim como outras colônias espanholas e portuguesas na América, tiveram sua formação social fundamentada em uma estrutura hierárquica de poder baseada em questões raciais, de classe e de gênero.

Foram travadas três guerras para a independência de Cuba do domínio espanhol; a Guerra dos Dez Anos entre 1868-1878, a Guerra Chiquita de 1879-1880 e a Guerra de Independência, de 1895 a 1898. Em 1959, a Revolução buscou a libertação do regime ditatorial de Fulgêncio Batista. Em todas elas, o



poder bélico e militar foi conferido aos homens, referências da força e do vigor necessários nesses combates. Se este é o contexto mais comum relacionado às guerras em todo o mundo, a Revolução cubana de 1959 apresentava características que, inicialmente, fariam com que sua forma de operação promovesse distinções às mulheres, se não no combate em campo, pelo menos em sua atuação pós-revolucionária.

Em um debate sobre as representações sociais de gênero, Giselle Santos (2013) apontou que a Revolução cubana de 1959 trouxe ganhos às mulheres, o que se depreende das palavras de Vilma Espín ao dizer que, às mulheres cubanas, sob a orientação de Fidel Castro, seria possível o caminho da unidade, com a criação, em 1960, da *Federación de Mujeres Cubanas* (FMC), da qual Espín foi presidenta. Porém, continua Santos (2013, p. 285), as concepções de gênero da FMC e do Estado socialista

(...) estiveram pautadas em figuras ambíguas, postuladas a partir de um discurso igualitarista, que visava estar de acordo com o projeto socialista, mas que simultaneamente interagiu com discursos baseados em representações de gênero hierárquicas que compreendiam a superioridade masculina.

Mesmo tendo havido transformações nas esferas política e econômica em relação aos gêneros, na esfera social essas transformações foram limitadas, distinguindo as funções sociais de mulheres e homens, respectivamente, com base na força física e no papel essencial da procriação, da maternidade e da criação dos filhos (SANTOS, 2013). Para Caroline Drummond (2018, p. 184)

(...) os desenhos das sociedades latino-americanas do século XIX, como a cubana, foram pensados em termos essencialmente masculinos. Ainda que a Revolução de 1959 tenha marcado o início de um novo momento nacionalista, o "homem novo", simbolizado por Che Guevara, continha muitos traços de uma masculinidade viril e heteronormativa.

Apesar da presença das mulheres na Revolução Cubana e na posterior construção do novo regime socialista, a figura do guerrilheiro sempre foi relacionada essencialmente à figura masculina, presente nas representações sociais das guerras e revoluções, fato constatado nas respostas obtidas no questionário.

6. Considerações finais

Imaginários sociais e urbanos são elementos importantes de construção de identidades, tanto em sua dimensão material quanto imaterial. Neste sentido, o estudo da cidade de Santiago de Cuba, universo singular no continente latino-americano, possibilitou estabelecer relações com os diversos níveis de representação, do local ao internacional, além de permitir aproximar e inter-relacionar história e memória de forma integral, nem sempre tão fácil de realizar em regimes políticos e culturas permeadas por valores globais ocidentais. Além disso, a integração desses imaginários a suportes construídos urbanos, estrategicamente selecionados, permanentemente reiterados ao longo dos percursos diários, constitui uma singularidade que por si só já justificaria tomá-los como objeto de análise. As evidências estão expostas no espaço público, a partir de excertos gravados que se complementam em um discurso ao ar livre.

O questionário adotado, com o intuito de compreender algumas questões importantes que permeiam o imaginário dos moradores, como os valores hegemônicos construídos historicamente pela ideologia socialista e ideais revolucionários, revelou a importância dessa dimensão física do território e do suporte construído para a manutenção da memória coletiva de acontecimentos e personagens importantes da história do país que se entrelaçaram com a história da cidade.



Ao contrário do que pode parecer, os consensos não são resultados de escolhas espontâneas. Em todos os aspectos, essa memória se fundamenta em uma permanente refundação da história do país, onde fatos não associados aos períodos de lutas pela independência ou pela revolução, ou mesmo episódios de resistência, foram e são reiteradamente suprimidos do cotidiano e das lembranças. Alguns sobreviveram nas festividades religiosas e tradicionais, nos rituais étnicos e na música, práticas sociais proibidas ou controladas até o final do século XX.

Gorelik (2004) sustenta que os imaginários urbanos não estão a salvo de contradições e disputas, principalmente quando apropriados pela esfera técnica; portanto, apesar de oferecerem valiosas contribuições sobre o conhecimento das sociedades, transformaram-se em ferramentas de poder político, do marketing e da tecnocracia. Contudo, se os imaginários urbanos podem contribuir com os poderes estabelecidos, também podem, por outro lado, contribuir para o poder dos cidadãos, ao revelar novos sentidos sobre a cidade, diferentes do senso comum fartamente divulgado ou apenas do juízo técnico, os quais, muitas vezes, não representam o que o conjunto de moradores vivenciam em seus cotidianos.

Nas disputas pela permanência de grupos e de comunidades, revela-se a força política da memória por meio de suas ações – eleição, exclusão, adição e subtração – que são, como aponta Mário Chagas (2009, p. 136) “perpetradas por instituições que tratam da preservação e da difusão do denominado ‘patrimônio cultural material e imaterial’”.

É um imaginário que recorre, inclusive, ao que se desconhece por experiência direta, mas sim pela evocação de imagens e lembranças de outras pessoas, ou seja, uma memória coletiva (HALBWACHS, 1990), incorporada nos lugares através de valores repassados por várias gerações e, ao mesmo tempo, moldada pelos remanescentes materiais no espaço. Somente desta forma se explica que grande parte dos entrevistados tenham apontado como patrimônios culturais localidades e edifícios que nunca conheceram, mas que são lugares turísticos importantes. É uma imagem dos espaços idealizada e resiliente, pois a maioria dos espaços públicos centrais é constantemente destruída e reconstruída por furacões que devastam todos os anos a ilha.

E é pela reificação desses imaginários urbanos, materializados na cidade, que grande parte dos moradores pesquisados se sentem – reforçando a definição de Fidel Castro – rebeldes, hospitaleiros e heroicos.

Agradecimentos

À CAPES pelo financiamento do projeto de cooperação internacional CAPES/MES/Cuba 210/13, Auxílio n. 1647-2014.

Referências

ALLUCCI, Renata R. São Luiz do Paraitinga: a construção de imaginários e os desígnios pós-tombamentos. Tese (Doutorado em Urbanismo) - Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, Centro de Ciências Exatas, Ambientais e de Tecnologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2020.

ANAZ, S. et. al. Noções do Imaginário: Perspectivas de Bachelard, Durand, Maffesoli e Corbin. *Revista Nexi* n.3, 2014. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/nexi/article/view/16760/15660>.

BOMFIM, A. Assessoria técnica e imaginários espaciais de grupos sócioespaciais. *VIRUS*, São Carlos, n. 19, 2019. [online]. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/virus19/?sec=4&item=5&lang=pt>.



CABRALES MUÑOZ, N. *El anillo como espacio articulador entre el centro histórico y la ciudad de Santiago de Cuba*. Tesis. Doutorado em Ciências Técnicas. Universidad de Oriente. Facultad de Construcciones / Facultad de Arquitectura. Santiago de Cuba, 2010.

CARRIÓN, F. Cultura urbana, ¿ un asunto de imaginarios? In: *Quito en la obra de... Quitología y arte urbano*. Quito: FONSA: Casa de la Cultura Ecuatoriana, p. 125-146, 2010.

CASTORIADIS, C. *A instituição imaginária da sociedade*. Trad. Guy Reynaud. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CHAGAS, M. Memória política e política da memória. In: ABREU, Regina, CHAGAS, Mário (orgs.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

COSTA. E. B. da. Planificación urbana posible, imaginario, existencia y cultura. *Tempo social: revista de sociologia da USP*, v. 17, n. 1, p. 91-120, jan-abr 2021.

DRUMMOND, C. *Exílio, literatura, intelectuais e política em Mariel – Revista de Literatura y Arte (1983-1985)*. Dissertação [História]. Programa de Pós-graduação em História da UFMG. Belo Horizonte, 2018.

ESTRUCH RANCAÑO, L. Santiago de Cuba: echos y realidades. Santiago de Cuba: Editorial Oriente, 2014.

EXPÓSITO CANTO, L. Prólogo. In: OLIVA MARTÍNEZ, E. (Org.). *Santiago de Cuba. Crónicas y Estampas*. Santiago de Cuba: Pablo de la Torriente Editorial, 2015, p. 11-13.

FELIÚ, V. *Fiestas populares tradicionales de Cuba*. Quito, Ecuador: IADAP, 2003.

GARCÍA CANCLINI, N. (Coord.). *Cultura y comunicación en México*. México: Grijalbo-UAM, 1998.

GORELIK, A. *Miradas sobre Buenos Aires: historia cultural y crítica urbana*. Buenos Aires: Editorial Siglo Veintiuno, 2004.

GORELIK, A. A produção da “cidade latino-americana”. *Tempo social: revista de sociologia da USP*, v. 17, n. 1, p. 111-133, 2005.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LEAL SPENGLER, E. *La luz sobre el espejo*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2017.

LEITE, J. O espaço da arquitetura. In LEITÃO, L., LEITE, J. *Discutindo o imaginário: olhares multidisciplinares*. Recife: Editora UFPE, 2015.

LINDÓN, A. Los imaginarios urbanos y el constructivismo geográfico: los hologramas espaciales. *Revista eure* (Vol. XXXIII, Nº 99), pp. 31-46. Santiago de Chile, agosto de 2007.

LINDÓN, A., HIERNAUX, D. Imaginarios urbanos desde América Latina. Tradiciones y nuevas perspectivas. In SILVA, A. *Imaginarios urbanos en América Latina: Urbanismos ciudadanos*. Barcelona: Fundación Antoni Tapies, 2007.

MORALES TEJEDA, A. L. Introducción. In: MORALES TEJEDA, A. L., RODRÍGUEZ JOA, M., PALERMO



- LIÑERO, E. *Testigos patrimoniales de una gesta heroica*. Santiago de Cuba: Ediciones Santiago, 2013.
- MORALES TEJEDA, A. L. Santiago de Cuba: miradas e imágenes urbanas en los relatos de viajeros. *Anales del IAA*, 46(1), 2016, p. 91-102. Disponível em <http://www.iaa.fadu.uba.ar/ojs/index.php/anales/article/view/199/332>.
- OROZCO MELGAR, M. E. El Palacio Municipal de Santiago de Cuba en la recuperación de la memoria colectiva. *Arquitectura y Urbanismo*, vol. XXXVI, no 2, mayo-agosto, 2015, p. 19-40.
- ORTIZ, F. The human factors of cubanidad. Translated from the Spanish by João Felipe Gonçalves and Gregory Duff Morton. *Hau: Journal of Ethnographic Theory* 4 (3): 445-480, 2014.
- PORTUONDO ZÚÑIGA, O. *¡Misericordia! Terremotos y otras calamidades en la mentalidad del santiaguero*. Santiago de Cuba: Editorial Oriente, 2014.
- PORTUONDO ZÚÑIGA, O. Santiago en la intimidad del santiaguero. In: VERGÉS MARTÍNEZ, O. *Expresiones de la cultura popular y las tradiciones santiagueras*. Santiago de Cuba: Editorial Oriente, 2015.
- PRATES, T. H. O. *Encuentro de la Cultura Cubana: exílio intelectual, identidade cubana e dissidência política*. *Temporalidades – Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG*. v. 6, n. 1 (jan/abr. 2014) – Belo Horizonte, 2014.
- RECIO LOBAINA, E. La cultura en Santiago de Cuba In: PORTUONDO ZÚÑIGA, O. (Coord.). *Santiago de Cuba: Cinco Siglos de Historia*. Santiago de Cuba: Oficina del Conservador de la Ciudad, Ediciones Alqueza, p. 97-106, 2015..
- RESTREPO, E. Sobre os Estudos Culturais na América Latina. *Educação* (Porto Alegre, impresso), v. 38, n. 1, p. 21-31, jan.-abr. 2015.
- RODRÍGUEZ ALOMÁ, P. (Dirección). *Luces y simientes: Territorio y Gestión em cinco centros históricos cubanos*. Red de Oficinas del Historiador y del Conservador de las Ciudades Patrimoniales de Cuba, 2012.
- SANABIA MARRERO, C. Historias y encantos de la infatigable Santiago. In OLIVA MARTÍNEZ, E.(Org.). *Santiago de Cuba: crónicas y estampas*. La Habana: Editorial Pablo de la Torriente, 2015.
- SANTOS, G. C. S. A revolução cubana e as representações sociais de gênero. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, n.14, p. 265-286, jan./jun.2013. Disponível em <https://revista.anphlac.org.br/anphlac/article/view/1237/1100>.
- SILVA, A. *Imaginarios urbanos*. 5ª. Edición corregida y ampliada. Bogotá: Arango Editores, 2006.
- SILVA, A. *Imagários urbanos*. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- SILVA, A. Ciudades imaginadas. In: JACKS, N. (Coord.). *Porto Alegre imaginada*. Porto Alegre: Observatório Gráfico, 2012.
- SOTO SUÁREZ, M., MUÑOZ CASTILLO, M. T. La conservación del patrimonio urbano, reflexiones sobre su valoración y gestión en el ámbito cubano. *Oculum Ensaíos* 14(2). Revista do Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, p.183-202. Campinas, Maio-Agosto 2017.



SZURMUK, M., IRWIN, R. M. (coord.). *Diccionario de estúdios culturales latino-americanos*. México: Siglo XXI Editores/Instituto Mora, 2009.

VERA, P. Imaginarios urbanos: dimensiones, puentes y deslizamientos en sus estudios. In: VERA, P. GRAVANO, A., ALIAGA, F. (editores académicos). *Ciudades (in)descifrables: imaginarios y representaciones sociales de lo urbano*. [ebook]. Bogotá: Universidade de Santo Tomás, 2019.

WEINBERG, L. Transculturación. In: SZURMUK, M., IRWIN, R. M. (coord.). *Diccionario de estúdios culturales latino-americanos*. México: Siglo XXI Editores/Instituto Mora, 2009.

Renata Rendelucci Allucci

Doutora em Urbanismo pela PUC-Campinas, Mestre em História pela PUC-SP, Especialista em Bens Culturais - Cultura, Economia e Gestão pela FGV-SP e em Comunicação pela ESPM-SP. Graduada em Desenho Industrial pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Gestora cultural desde 1994. Desenvolve trabalhos de pesquisa nas áreas de patrimônio cultural, festas populares, cadeia produtiva da cultura, urbanismo e imaginários urbanos. Participa do grupo de pesquisa Patrimônio, Políticas de Preservação e Gestão Territorial da PUCC, com enfoque nas áreas de preservação e gestão do patrimônio arquitetônico, urbano e paisagístico no Brasil, na América Latina e na Espanha; estudos urbanos latino-americanos; teoria e história do urbanismo.

Contribuição de coautoria: Elaboração e redação do texto; Concepção.

Maria Cristina da Silva Schicchi

Professora titular e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo e da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Bolsista Produtividade em Pesquisa CNPq Nível 2. Arquiteta e urbanista, doutora pela Universidade de São Paulo (2002). Pós-doutora junto ao Programa Oficial de Postgrado de la Universidad de Sevilla (2010) junto ao grupo de pesquisa Patrimonio y Desarrollo Urbano Territorial en Andalucía. Pesquisadora principal da FAPESP e do CNPq. Coordenou o projeto de Cooperação Internacional com a Universidad de Oriente (Cuba) - Projeto CAPES/MES/Cuba (2014-2018). Líder do grupo de pesquisa Patrimônio, Políticas de Preservação e Gestão Territorial. Vencedora do PRÊMIO ANPARQ 2016 Artigo Publicado em Periódico. Membro da rede Paisajes Históricas de la Producción. RED APPLab, vinculada à Universidade de Sevilla. Membro do ICOMOS-BRASIL, da LASA e da Associação Ibero-americana de História Urbana (AIHU). Foi Editora-chefe da Revista OCULUM ENSAIOS-PUC-Campinas (de 2014 a 2019).

Contribuição de coautoria: elaboração e redação do texto; Concepção.

Como citar: ALLUCCI, R. R., SCHICCHI, M. C.S. Memória e identidade: os imaginários urbanos de Santiago de Cuba. *Paranoá*, (33), 1–24. <https://doi.org/10.18830/issn.1679-0944.n33.2022.15>

Editores responsáveis: Viviane Ceballos, Regina Oliveira e Maria Fernanda Derntl.